

MÚSICA
16 SETEMBRO 2017

Norberto Lobo

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitarra acústica, guitarra eléctrica archtop Norberto Lobo

Norberto Lobo (Lisboa, 1982) lançou o seu primeiro CD a solo, *Mudar de Bina*, em 2007. Em julho desse ano veio ao nosso auditório ao ar livre. É a sexta vez que toca na Culturgest. Uma delas foi no Porto, quando lá realizámos alguns concertos.

Autodidata, dedicou-se à guitarra a partir dos 8 anos, aprendendo sozinho, com os irmãos, os amigos, ouvindo discos, indo a concertos. Hoje domina as guitarras com enorme virtuosismo.

Abençoado com um talento imenso – a solo, com bandas de que é cofundador ou partilhando o palco com músicos nacionais e estrangeiros – foi construindo um caminho, um som, uma arte, que constantemente se abre em novas direções, mantendo uma unidade inconfundível.

A música que faz não se arruma em qualificações. Os que sobre ela falam, na dificuldade em a descrever, invocam diversíssimas influências, de tradição popular ou erudita, de vários continentes.

Norberto é um criador sobredotado. É consensualmente considerado como uma das principais personalidades da música portuguesa atual. Gravou seis CDs a solo – *Mudar de Bina* (Borland, 2007), *Pata Lenta* (Mbari, 2009), *Fala Mansa* (Mbari, 2011), *Mel Azul* (Mbari, 2012), *Fornalha* (three:four records, 2014) e *Muxama* (three:four records, 2016) – e cada álbum que cria, sem exceção, recebe um coro de elogios. Merecidos. Nada lhe sai mal. Trabalha muito.

Ao longo dos anos, em Portugal, tem colaborado com artistas como Chullage,

Carlos Bica, Lula Pena, Gabriel Ferrandini ou João Lobo, para além de ser cofundador dos projetos Norman, Colectivo Páscoa, Trigala e Oba Loba. Partilhou palcos ou digressões com variadíssimos músicos estrangeiros como Lhana de Sela, Devendra Banhart, Larkin Grimm, Naná Vasconcelos ou Rhys Chatham.

Faz concertos por todo o país e pela Europa fora, para além de visitas ao Japão, Brasil e América do Norte.

Na Culturgest tem tocado sobretudo no Pequeno Auditório. Agora oferecemos-lhe o Grande para fazer o concerto que quisesse. Ele quis que fosse a solo. Na altura do convite, já lá vai mais de um ano, não sabia o que viria tocar. Durante um ano muita coisa lhe acontece. Sabia que queria estar sozinho com as suas guitarras. Dissemos-lhe que sim. Sabemos que será mágico o seu concerto. Que nos vai levar pela mão, com a sua timidez e discrição, para lugares onde nunca fomos e, todavia, nos parecem familiares.

Sáb 16 de setembro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h · M6

**Norberto Lobo em discurso direto
(excertos de textos e entrevistas
encontrados na internet)**

“Ser artista é como fazer pão. É uma profissão como outra qualquer, e tão útil como outra qualquer.”

In www.museunacionaldamusica.gov.pt, entrevista por Helena Miranda, 2009

“Tinha uns sete, oito anos quando começou a tocar. Nada de sério, ‘era mais uma cena que havia para lá’, para casa, e que os irmãos (...) tocavam. ‘Era como o *game boy*’. Hoje ainda é assim. A guitarra ‘ainda é como um *game boy*, ainda é uma brincadeira, ainda é um jogo. Normalmente o problema é ter de parar de tocar, é ter outras coisas na vida para fazer”.

In texto de Mariana Pereira, *Diário de Notícias*, 23 de novembro de 2016

“Eu não sinto nem nunca senti nenhuma filiação por nenhuma escola, não conheço nenhum cânone. Só ouço discos e isso é a minha tradição.”

In www.museunacionaldamusica.gov.pt, entrevista por Helena Miranda, 2009

“Acho que a minha música é baixinha porque ensaio em casa e não posso chatear os vizinhos às três da manhã. Então aprendi a tocar baixinho.”

In texto de Gonçalo Frota, *Público*, 26 de maio de 2017

“*Como te surgiu a ideia de fazeres uma versão de Björk (Unravel do álbum Pata Lenta)?*

Gosto muito dessa canção e o processo

foi natural: um dia comecei a tocá-la. Basicamente tentei tocá-la como ela é, mas sem ouvir o original. Ou seja, tentei tocá-la como me lembrava dela da adolescência. A minha versão é, no fundo, eu a brincar com a memória.”

In www.museunacionaldamusica.gov.pt, entrevista por Helena Miranda, 2009

“A ideia vem antes da guitarra. Há melodias que quero muito tocar. E só sei tocá-las na guitarra.”

In texto de Mário Lopes, *Público*, 15 de janeiro de 2015

“O instrumento musical deve tornar-se uma extensão do músico. Isso é o que gostaria para mim, um dia. E é isso que eu gosto de ver nos músicos.”

In www.museunacionaldamusica.gov.pt, entrevista por Helena Miranda, 2009

“O passado e o futuro não existem enquanto tal. O material é mutante. As malhas crescem e evoluem. É sempre dois passos à frente e um atrás.”

In texto de Mário Lopes, *Público*, 15 de janeiro de 2015

“*Quando encontra o som que procura?* Aborreço-me e passo para outra coisa.”

In texto de Mariana Pereira, *Diário de Notícias*, 23 de novembro de 2016

“Um disco nasce quando começa a aparecer ‘um conjunto de músicas que apontem na mesma direção.’ Às vezes, haveria de dizer depois, trata-se de um som. ‘Começo a perceber que aquilo é um bocadinho da mesma manta de retalhos, tipo peças do puzzle. Ah, isto

é o cantinho, isto é o meio, estas são as duas azuis, deve ser a orelha.”

In texto de Mariana Pereira, *Diário de Notícias*, 23 de novembro de 2016

“Quando faço um disco a minha maior preocupação é que as canções falem umas com as outras, é sempre uma espécie de *suite*, estão todos no mesmo espaço e espírito. Não sei se faz sentido, mas preocupa-me que aquilo possa ser escutado do início ao fim.”

In texto de Miguel Branco, *Observador*, 22 de novembro de 2016

“Faço sempre discos de guitarra porque aquilo é mais do que isso. Gosto de imaginar que há mais som para além daquele que se ouve ou se espera, que o instrumento é, basicamente, apenas um veículo para dizeres uma ideia em voz alta, que pode ser tocado com qualquer instrumento e com muitas roupagens. Acontece que toco melhor guitarra do que outros instrumentos.”

In texto de Miguel Branco, *Observador*, 22 de novembro de 2016

“Há palavras bonitas que querem dizer coisas muito feias, já estive a falar disso com um amigo.”

In texto de Mariana Pereira, *Diário de Notícias*, 23 de novembro de 2016

Luís Barrigas

Songs With and Without Words

Ciclo "Jazz +351"

Comissário: Pedro Costa



Jazz Sex 22 de setembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

Piano e composição Luís Barrigas **Voz** Guida de Palma, Sofia Vitória **Saxofones soprano, tenor e clarinete** Desidério Lázaro **Saxofones alto, tenor, barítono e flauta** João Capinha **Contrabaixo** Mário Franco **Bateria** Alexandre Alves

Nascido em Setúbal no ano de 1978, Luís Barrigas tem vingado entre uma nova geração de músicos que estão a revitalizar o jazz feito em Portugal. Antigo aluno dos mais importantes pianistas deste género musical entre nós, Mário Laginha e João Paulo Esteves da Silva, teve igualmente oportunidade de estudar com mestres estrangeiros como Myra Melford, John Hersch e John Taylor. Se o seu percurso profissional é ainda curto, ao longo dele teve preciosas colaborações com músicos que vão desde os portugueses Zé Eduardo, Bruno Santos e Nelson Cascais ao argentino Demian Cabaud e ao espanhol Perico Sambeat.

O projeto que mais tem evidenciado as suas capacidades como instrumentista e compositor é o que agora se

apresenta na Culturgest. O desafio tem sido pegar no formato canção e verificar como o caracterizaram os modelos clássicos, do jazz e da pop. O resultado é *Songs with and without Words*, nas vozes experimentadas de Guida Maria e Sofia Vitória, cantoras de jazz que vêm inoculando este de *soul*, de *funk*, de bossa nova e de algo mais a que não é estranha a influência do cancionero tradicional português. O restante grupo junta duas revelações, o saxofonista e flautista João Capinha e o baterista Alexandre Alves, a um jovem valor já consagrado, Desidério Lázaro (neste contexto acrescentando o clarinete aos seus saxofones) e a um veterano, Mário Franco, contrabaixista que também se movimentou nos circuitos da música antiga. Destes ingredientes sai uma música elegante, colorida e que sabe contar histórias, ninguém conseguindo ser-lhe indiferente.

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do
Cego nº50, 1000-300 Lisboa
21 790 51 55 · www.culturgest.pt